

Escolas ameaçam privacidade das crianças

Pesquisador da USP alerta para riscos da cumplicidade entre pais, psicólogos e pedagogos em relação a alunos que apresentam dificuldades para se adaptarem às normas escolares

ROLDÃO ARRUDA
que dizer de uma criança que, embora não tenha nenhum problema real para aprender, não se concentra durante a aula e atrapalha os colegas? Ela está com algum sério problema psicológico? Padece de ausência de ética, o mesmo mal que atacou os anões do Congresso? Ou será um caso de preguiça?

Quem optou pela resposta da linha psicológica alinhou-se com um crescente número de orientadores pedagógicos de escolas particulares. São cada vez mais frequentes as recomendações destes profissionais, aos aflitos pais das crianças consideradas problemáticas, para que as encaminhem a psicólogos ou psicopedagogos, em busca de diagnósticos e soluções.

Quem optou pelos aspectos da ética e da preguiça não vai ter muita companhia. Mas poderá consolarse com o fato de ser apoiado por alguns especialistas que começam a colocar em dúvida a posição dos pedagogos. Um deles é o doutor em psicologia Yves De La Taille. Professor da Universidade de São Paulo e estudioso do desenvolvimento do juízo moral nas crianças, ele está concluindo uma pesquisa na qual indica que as escolas dependem cada vez mais do ponto de vista médico para definir o que é ou não é normal, relegando aspectos éticos e morais.

Obrigações — Em outras palavras, a criança que não se interessa, não se concentra e atrapalha as outras, pode não ter sido devidamente alertada para o fato de que, gostando ou não das matérias e das regras da escola, está na sala de aula para estudar. "Estas-

mos rodeados de crianças que não possuem noção das obrigações que têm", afirma La Taille. Para ele, seria ilusão acreditar que as crianças dispõem sempre da mesma motivação. "Elas também têm preguiça e não se interessam da mesma maneira por todos os assuntos."

Outro aspecto preocupante da visão terapêutica dos orientadores educacionais, segundo La Taille, é a permanente invasão da privacidade das crianças. "Arma-se uma rede de controle de saúde mental, composta de orientadores, psicólogos e pais, que se comunicam e acabam tendo acesso à intimidade da criança, violando

áreas secretas que todas as pessoas necessitam manter para desfrutar de saúde mental."

La Taille observou, em entrevistas com quase cinco centenas de crianças, que ao redor dos 8 anos

elas se tornam muito suscetíveis ao que as pessoas sabem ou falam dela. Gostam de revelar-se, mas já prezam o sentido de confidencialidade e cumplicidade nestas revelações. "Não se pode imaginar como é desastroso o caso de um pai, que, instantes após ter ouvido uma revelação em tom confidencial do filho, a anuncia na frente de outras pessoas."

Ao mesmo tempo que prezam a confidencialidade, as crianças não têm critérios e nem sabem como se defender da invasão de sua privacidade pelos adultos. Por causa disso, La Taille acha que se deve ter mais cuidado com as redes armadas entre pais, pedagogos e psicólogos. "Não nego a eficácia, nem a necessidade da busca de alternativas fora da escola, mas acho que se deve avaliar melhor a hora e o modo de se fazer isso."

CRIANÇAS NÃO SABEM SE DEFENDER DA INVASÃO